



UNIVERSIDADE  
CATÓLICA PORTUGUESA | INSTITUTO DE  
CIÊNCIAS DA SAÚDE

**Desenvolvimento Morfossintático em crianças com quatro anos de idade (4;00 –  
4;05)**

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de  
mestre em Linguística Clínica

Por

Joana Valente

Lisboa - 2013



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA | INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

**Desenvolvimento Morfossintático em crianças com quatro anos de idade (4;00 – 4;05)**

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de mestre em Linguística Clínica

Por  
Joana Valente

Sob a orientação de Professora Doutora Ana Mineiro e Professora Doutora Maria Emília Santos

Lisboa - 2013

## **Resumo**

A morfossintaxe constitui uma das áreas da linguagem que estuda a organização das palavras na frase, bem como a estrutura interna de cada palavra. Em termos de estudos de desenvolvimento, há poucos valores de referência para o Português Europeu, pelo que foi desenvolvido este projeto, que envolve a análise de discurso espontâneo de crianças com 4 anos. O objetivo principal é a caracterização morfossintática do discurso de crianças dentro da faixa-etária de 4;00 a 4;05 anos de idade. Pretende-se também verificar se o género das crianças e a escolaridade dos pais influencia os resultados. Os discursos analisados pertenceram a um corpus linguístico anteriormente recolhido, sendo a amostra utilizada na presente dissertação de 29 crianças. O discurso das crianças foi transcrito para o programa ELAN (EUDICO Linguistic Annotator; [www.lat-mpi.eu/tools/elan](http://www.lat-mpi.eu/tools/elan)) e posteriormente analisado. Os resultados obtidos revelaram que as crianças, dentro desta faixa-etária, já têm um discurso em que utilizam todas as classes gramaticais, havendo uma preferência pela utilização de verbos, não havendo diferença entre os discursos das crianças do género feminino e as do género masculino. É na concordância verbal que mais erros se verificam, e mais precisamente relativamente à conjugação de verbos em pessoa. Com esta investigação foi possível concluir que as crianças da faixa-etária estudada têm um discurso com características morfossintáticas já bastante próximas do discurso dos adultos, havendo apenas ainda algumas características mais complexas e de aquisição tardia que se encontram ainda em fase de estabilização.

Palavras-chave: Linguagem da criança; Morfossintaxe; Discurso espontâneo

## **Abstract**

The morphosyntax is one of the areas of language which studies the organization of words in the sentence as well as the internal structure of each word. In terms of development studies, there are few benchmarks for European Portuguese, which was developed by this project, which involves the analysis of spontaneous speech of children aged 4 years . The main objective is the morphosyntactic characterization of the speech of children within the age group of 4 , 00-4 ; 05 years of age . Another aim is to verify whether the gender of the children and the parents' education influences the results. The speeches analyzed previously belonged to a linguistic corpus collected, the sample used in this dissertation 29 children. The speech of children was transcribed for ELAN (EUDICO Linguistic Annotator; [www.lat-mpi.eu/tools/elan](http://www.lat-mpi.eu/tools/elan)) program and subsequently analyzed. The results revealed that children within this age group already have a speech using all parts of speech, with a preference for the use of verbs, with no difference between the discourses of children were female and male gender. It is the verbal agreement that more errors occur, and more precisely in relation to the verb conjugation in person. This investigation was concluded that children of age group studied have a discourse with morphosyntactic features already quite close to the speech of adults , with only a few still more complex and late acquisition features that are still in the stabilization phase .

Key words: Children language; Morphosyntax; Spontaneous speech

## **Agradecimentos**

No decorrer da elaboração deste trabalho, foram inúmeras as pessoas que tiveram um papel importante na transmissão de motivação e de conhecimentos para que tudo corresse pelo melhor.

Primeiramente agradeço às minhas orientadoras, Professora Ana Mineiro e Professora Maria Emília Santos, pela disponibilidade e ajuda que deram na elaboração deste estudo, para que fossem atingidos os objetivos a que me propus.

Em seguida agradeço às colegas do ano anterior, Sofia, Sara e Mariana, pela cedência de informações que serviram como ponto de partida para a elaboração deste trabalho.

Um agradecimento muito especial à minha colega e parceira de investigação, Marília, pelos constantes desabaços, conversas ao telefone, discussão de ideias e pelo total apoio que demos uma à outra, para que estivéssemos sempre em sintonia na elaboração dos trabalhos, para que nenhuma prejudicasse o trabalho da outra. Um muito obrigada!

Um agradecimento às minhas colegas de turma de mestrado por todo o apoio e preocupação demonstrada, em especial à Miliza e à Vera, por terem sido mais do que colegas, verdadeiras amigas e confidentes.

Não podia deixar passar, sem agradecer aos meus pais, pelo apoio, preocupação, mas sobretudo, pela confiança que depositaram, acreditando que eu conseguiria fazer tudo nos tempos a que me propus.

Um agradecimento muito especial às minhas amigas Mariana e Mariana, pelas longas conversas sobre o meu trabalho que, ainda que nada lhes dissesse, nunca me negaram uma palavra amiga e inúmeras palavras de motivação em momentos de maior pressão.

Um agradecimento geral, mas não menos importante, a todos os meus amigos, que de alguma forma foram demonstrando o seu apoio e se disponibilizaram sempre para ajudar, caso o conseguissem fazer.

Um muito obrigada a todos pelo apoio pois, ainda que o trabalho não se tenha feito apenas com palavras de apoio, as suas palavras levaram a que eu me conseguisse focar para que fizesse tudo aquilo que queria e fosse encontrar força para o fazer, mesmo em dias em que a motivação era pouca.

## Índice

Introdução	1
1. Desenvolvimento morfológico e morfossintático	3
1.1. A influência da escolaridade dos pais no desenvolvimento morfossintático	14
1.2. Implicações clínicas	14
2. Problemas em estudo	15
3. Metodologia	16
Participantes	16
Recolha e análise dos dados	17
a) Recolha do corpus linguístico	17
b) Análise morfossintática	18
Procedimento	18
Análise	18
4. Resultados	20
5. Discussão	29
6. Conclusões	32
Referências bibliográficas	34
Apêndices	38
Apêndice I – Revisão teórica das classes gramaticais	39
Apêndice II – Grelha de análise quantitativa de classes gramaticais	42
Apêndice III – Grelha de análise de erros	46
Apêndice IV – Classes gramaticais contabilizadas quantitativamente	48
Apêndice V – Análise qualitativa – erros de concordância	52

## Índice de quadros

<b>Quadro 1</b> – Ordem de sucessão de emergência das formas verbais simples, em Português, nos primeiros estádios	5
<b>Quadro 2</b> – Erros frequentes na utilização de preposições	6
<b>Quadro 3</b> – Exemplos das fases de aquisição de pronomes e de fases posteriores	7
<b>Quadro 4</b> – Pessoas gramaticais: escala de desenvolvimento	11
<b>Quadro 5</b> – Exemplos de erros de concordância	12
<b>Quadro 6</b> – Ordem das palavras na frase	13
<b>Quadro 7</b> – Distribuição de rapazes e raparigas por faixa-etária	16
<b>Quadro 8</b> – Distribuição da escolaridade dos pais pelo género da amostra	17
<b>Quadro 9</b> – Resultados médios de total de palavras, comparando géneros	20
<b>Quadro 10</b> – Frequência de ocorrência das classes gramaticais utilizadas	21
<b>Quadro 11</b> - Frequência de ocorrência de substantivos	22
<b>Quadro 12</b> – Frequência de ocorrência de adjetivos relativo ao grau	22
<b>Quadro 13</b> – Frequência de ocorrência de verbos – modo e tempo	23
<b>Quadro 14</b> – Frequência de ocorrência de verbos – pessoa	23
<b>Quadro 15</b> – Frequência de ocorrência de verbos – voz	23
<b>Quadro 16</b> – Frequência de ocorrência de advérbios	24
<b>Quadro 17</b> – Frequência de ocorrência de pronomes	24
<b>Quadro 18</b> – Frequência de ocorrência de numerais	24
<b>Quadro 19</b> – Frequência de ocorrência de preposições	25
<b>Quadro 20</b> – Frequência de ocorrência de conjunções coordenativas e subordinativas	25
<b>Quadro 21</b> – Frequência de ocorrência de conjunções coordenativas	25
<b>Quadro 22</b> – Frequência de ocorrência de conjunções subordinativas	26
<b>Quadro 23</b> – Frequência de ocorrência de determinantes	26
<b>Quadro 24</b> – Plurais regulares e irregulares em substantivos e adjetivos	27
<b>Quadro 25</b> – Erros de concordância verbal	27
<b>Quadro 26</b> – Quadro síntese de caracterização morfossintática	28

## **Índice de figuras**

<b>Figura 1</b> – Distribuição média por escolaridade dos pais das classes gramaticais utilizadas	21
<b>Figura 2</b> – Distribuição dos erros de concordância nominal, verbal, adjetival e pronominal	27



## **Introdução**

Pretende-se com a presente investigação contribuir para o estudo do desenvolvimento morfossintático na linguagem oral. Será descrito o comportamento verbal de crianças dos 4 anos aos 4 anos e 5 meses, fornecendo-nos uma perspectiva do modo como ocorre o desenvolvimento das estruturas linguísticas relativas à morfossintaxe.

A análise a realizar será do tipo microestrutural, referindo-se às questões de coesão, marcadores temporais, tipo de vocabulário e complexidade da frase e do tipo macroestrutural, que se refere ao uso da gramática (Bajaj, 2007).

Pretende-se fazer uma análise qualitativa e quantitativa das classes de palavras utilizadas, bem como as suas concordâncias em género e número e, no caso dos verbos, a concordância em tempo, modo, pessoa e voz, e as flexões em grau dos substantivos e adjetivos. Tendo em conta a escassez de dados para o Português Europeu referentes à estrutura linguística que queremos analisar, foi utilizado um corpus linguístico anteriormente recolhido, para fazer a análise referida. Esse corpus linguístico refere-se a dados de discurso espontâneo de crianças na faixa-etária dos 4 anos, permitindo assim ao investigador avaliar as competências sintáticas das crianças, não estando estas numa situação constrangedora de avaliação, permitindo ter uma construção linguística da realidade de cada criança na mesma perspectiva defendida por Stromswold (1996).

Os resultados disponibilizados pela presente investigação terão utilidade para terapeutas da fala, linguistas e educadores de infância, uma vez que poderão servir como valores de referência, para a constituição de padrões normativos no sentido de compreender a adequação dos discursos das crianças.

Consta neste trabalho, em primeiro lugar, uma parte mais teórica, onde serão descritas todas as questões linguísticas a ter em consideração na análise do discurso das crianças, nomeadamente sobre a aquisição de estruturas morfológicas e sintáticas no discurso oral. Seguidamente são apresentados os aspetos metodológicos utilizados para desenvolver a presente investigação onde se apresentam, a questão de investigação e os objetivos e será definido o tipo de estudo levado a efeito, apresentando-se também a caracterização da amostra e a construção do instrumento para a análise de dados, bem como uma breve nota sobre como foi utilizado. Por último, será ainda feita referência ao tratamento dos dados, sendo de referir aspetos de natureza estatística e critérios utilizados na análise dos dados. Apresentar-se-ão os resultados obtidos nas análises dos

discursos das crianças que participaram neste estudo, bem como, a discussão desses resultados.

Uma vez que no decorrer de qualquer investigação se apresentam algumas limitações, estas serão apresentadas, bem como serão apresentadas propostas que surgiram no decorrer deste trabalho de futuras investigações.

## **1. Desenvolvimento morfológico e morfossintático**

No presente capítulo procede-se a uma revisão bibliográfica relativa a dois aspetos relacionados com o desenvolvimento linguístico infantil, nomeadamente ao nível do desenvolvimento morfológico e do desenvolvimento sintático. Primeiramente serão descritas as propriedades morfológicas e sintáticas inerentes ao discurso referindo as classes gramaticais que serão tidas em consideração no decorrer da investigação; bem como, o estado da arte relativamente ao desenvolvimento destas estruturas no discurso das crianças em idade pré-escolar. Serão também referidas as questões relevantes à influência da escolaridade dos pais no discurso das crianças (1.1.).

O conhecimento morfológico pode ser desenvolvido ao longo do tempo (McCutchen, Green & Abbott, 2008). A morfologia corresponde à área linguística que se ocupa da estrutura interna das palavras, bem como dos processos através dos quais são formadas novas palavras (Eliseu, 2008).

A batalha entre a interação entre sintaxe e morfologia vem desde há muito a ser travada por vários linguístas ao longo dos tempos, havendo sempre a dúvida se uma pertence a um módulo maior que a controla. A resolução de tal batalha prende-se com questões empíricas que não serão discutidas neste trabalho (Borer, 2011).

As características principais do sistema-alvo duma língua são adquiridas pelas crianças por volta dos três anos de idade, sendo estas capazes, por exemplo, de utilizar ordens de palavras adequadas à língua-alvo (Guasti, 2002).

Durante o desenvolvimento linguístico de uma criança, são várias as competências que esta vai adquirindo, sendo que umas requerem uma maior consolidação, sendo assim de aquisição mais tardia e outras, por serem eventualmente menos complexas, estabilizam mais cedo, sendo de aquisição mais precoce (Gonçalves, Guerreiro e Freitas, 2011).

De aquisição precoce, podemos referir a emergência do plural dos nomes que pode ocorrer antes dos dois anos de idade (Freitas, 1997, Freitas, Miguel e Faria, 2001), a ordem básica SVO e a relação de concordância verbal (Gonçalves et al, 2011); de aquisição mais tardia, podemos referir a utilização de frases passivas e a utilização de orações relativas (Gonçalves et al, 2011).

Tendo em conta que o objetivo primordial deste trabalho se prende com a análise morfosintática de discursos de crianças, é fundamental que se definam quais as classes de palavras que irão ser analisadas, bem como as suas funções.

As classes gramaticais poder-se-ão dividir em classes abertas e em classes fechadas, em que, as abertas correspondem àquelas que transportam conteúdo semântico – substantivos, adjetivos, verbos e advérbios terminados em *-mente* – e as fechadas correspondem àquelas que sem conteúdo semântico – restantes advérbios, pronomes, determinantes, numerais, preposições, conjunções e interjeições (Mateus Andrade, Viana & Villalva, 1990) (para uma descrição de cada classe gramatical, veja-se Apêndice I)

É pelo princípio da complexidade que se rege a aquisição das regras morfológicas, onde a aquisição de determinada regra será mais tardia quanto maior for o número de significados que os morfemas contêm e quanto maior for o número de regras para a sua codificação (Brown, 1973).

Após o “boom” linguístico das crianças, fase em que estas começam a combinar duas palavras, é a altura em que se começam a estabelecer as primeiras relações sintáticas. São os núcleos nominais os primeiros a emergir neste processo de desenvolvimento, seguidos dos verbais, e aumentando gradualmente a sua complexidade associando-se a outros constituintes, fazendo emergir os núcleos adjetivais, preposicionais, adverbiais e as conjunções, que introduzem as orações (Gonçalves et al, 2011).

As crianças apresentam maior facilidade na aquisição de palavras de classe aberta, ou seja, têm mais facilidade na produção de nomes de objetos do que relativamente às palavras que se refiram a ações (verbos) (Gândara & Befi-Lopes, 2010).

As crianças utilizam a informação sintática isoladamente para estabelecer uma representação do significado do verbo. Esta capacidade pode ser fundamental para a aprendizagem do verbo, passando estes a ser frequentemente introduzidos, na ausência dos eventos a que se referem (Arunachalam & Waxman, 2010).

Há que referir que verbos que expressem atitudes proposicionais (ex: pensar), ou seja, que denotam uma relação entre um sujeito e um propósito, são mais dificilmente adquiridos pelas crianças, uma vez que implicam tanto propriedades sintáticas como semânticas, constituindo uma complexidade semântica extra, que explica a dificuldade

das crianças de a adquirirem (Rakhlin, Kornilov, Reich, Babyonyshev, Kopusov & Grigorenko, 2011).

Os verbos vão-se tornando cada vez mais complexos à medida que vão sendo realizadas associações a verbos auxiliares, havendo assim uma diversificação dos tempos, modos e aspetos. De entre os modos, o conjuntivo é o que surge mais tardiamente, colocando muitas vezes problemas ainda durante o 1º Ciclo, sendo substituído por formas de indicativo ou de imperativo surgindo estes desde muito cedo, sendo também particularmente complicada a aquisição e utilização de modos mais restritos e/ou formais como o pretérito-mais-que-perfeito e o futuro, o condicional e os três tempos do conjuntivo. Quanto às formas nominais, surge primeiro o infinitivo impessoal (Kuo & Anderson, 2006; Gonçalves et al, 2011).

**Quadro 1-** Ordem de sucessão de emergência das formas verbais simples, em Português, nos primeiros estádios (Fonte: Gonçalves *et al*, 2011, pp. 27)

<b>Formas verbais</b>	<b>Exemplos</b>
Presente do indicativo	É golo. (1;09)
Imperativo	Olha bonecos! (2;00)
Infinitivo impessoal	Está a chorar. (2;00) Anda ver. (2;01)
Pretérito perfeito	A menina caiu. (2;00)
Infinitivo pessoal	E mais uma camioneta para andarmos. (2;04)
Pretérito imperfeito	Eu vou andar, sabias? (2;05)
Conjuntivo	Só quando(o) eu disser. (2;11)

Quando nos referimos a formas irregulares da conjugação verbal, deparamo-nos com a generalização abusiva de regras (“\*eu fazi” em vez de “eu fiz”; “\*eu sabo” em vez de “eu sei”). Assim a forma regulares de conjugação tende a ser privilegiada (como em “já está limpadó” em vez de “já está limpo”) (Gonçalves et al, 2011).

Se nos debruçarmos sobre a conjugação verbal, quanto à voz, é possível compreender que são muitos os autores que defendem que as crianças adquirem primeiramente a voz activa e só depois a voz passiva, podendo estar relacionado com o facto de os adultos pouco usarem em discurso esta conjugação, sendo esta menos exposta às crianças (Tomasello, 2000; Tomasello et al, 2003; Gonçalves et al, 2011). Num estudo mais

recente no âmbito do *priming sintáctico*, é possível corroborar esta ideia, uma vez que os autores conseguiram verificar que as crianças expostas à passiva eram mais propensas a utilizar frases na passiva no seu discurso (Demuth, 1989,1990; Hupp & Jungers, 2009).

Ao nos referirmos aos adjetivos, relativamente à sua conjugação, há que ter em conta que, o grau superlativo, principalmente o superlativo absoluto sintético, não ocorre de forma espontânea nas primeiras produções das crianças, podendo considerar-se uma estrutura de aquisição tardia, pelo que deve ser trabalhado explicitamente não sendo expectável que crianças em idade pré-escolar o tenham adquirido (Gonçalves et al, 2011).

Em termos de aquisição, o uso de adjetivos, por exemplo, é mais influenciado pelo uso de outros dispositivos adjacentes, como por exemplo, o uso de advérbios, e menos influenciado por dispositivos não relacionados (Huttenlocher, Waterfall, Vasilyeva, Vevea & Hedges, 2010).

Focando-nos em estruturas de aquisição mais tardia, são verificados problemas ao nível das preposições, havendo três tipos de erros mais frequentes: omissão, adição e troca de preposições. Por exemplo, é frequente a troca de “em” por “de” (“Pois estou **do** circo (2;11)”) (Gonçalves et al, 2011). São também frequentes outros erros (veja-se Gonçalves et al, 2011):

**Quadro 2** – Erros frequentes na utilização de preposições (Fonte: Gonçalves *et al*, 2011, pp. 28)

O que ocorre	Exemplos	Ocorrência equivalente para os adultos
<b>Omissão da preposição</b>	P(a)ra que é o dinheiro? É mim. (1;10)	(...) É para mim
<b>Troca da preposição</b>	No anoitecer a bela e formosa lebre... (narrativa escrita – 6ºano)	Ao anoitecer (...).
<b>Não ocorrência da contração</b>	Coitadinha da esta (2:04) E o cão puxou-lhe por o rabo (5;10) (narrativa oral)	Coitadinha desta. E o cão puxou-lhe pelo rabo.

	Trepa por o...a árvore (...). (7;05) (narrativa oral)	Trepa pela árvore.
<b>Adição de determinante contraído com a preposição</b>	Na Paris (4;00) Quando já tinha o dinheiro, passou pela uma loja de roupa (narrativa escrita – 4º ano)	Em Paris. (...) passou por uma (...)

Após a emergência do substantivo, ocorre a emergência do pronome, dada a sua característica morfológica. Assim, primeiramente surgem os pronomes tónicos e, em seguida os átonos, sendo nestes que aparecem os principais problemas, podendo mesmo persistir ainda no final do 1º ciclo. Estes problemas, consistem em trocas na posição, ausências, repetições de constituintes e substituições por uma forma tónica ou por outra forma átona (Gonçalves et al, 2011).

**Quadro 3** – Exemplos das fases de aquisição de pronomes e de fases posteriores

(Fonte: Gonçalves *et al*, 2011, pp.25)

<b>O que ocorre</b>	<b>Exemplos</b>	<b>Ocorrência equivalente para os adultos</b>
Troca na posição do pronome átono	...estavas a ler, quero que lês-me. (3;10)	Quero que me leias.
Ausência do pronome átono	... e uma vaca que (es)tava d(o) out(r)o lado e uma andorinha ajudaram[-] a ser tratado. (10;07) (narrativa oral)	... e uma vaca (...) e uma andorinha ajudaram-no a ser tratado.
Repetição de constituintes	Eu mandei-lhe um pontapé ao Tiago que é este. (2;09).  ...o cavalo que se chamava-se Trovão (10;03) (narrativa oral)	Eu mandei um pontapé ao Tiago./ Eu mandei-lhe um pontapé.  ...o cavalo que se chamava Trovão.
Substituição dos	(es)tou a esconde(r) ele. (2;07)	Estou a esconde-lo.

pronomes átonos	<p>... e o boi (...) magoou-lhe com os chifres (...) (10;02) (narrativa oral)</p> <p>Muitos dos homens da aldeia apareceram, mas nenhum lhe agradava até que um lobo a agradou. (narrativa escrita – 4ºano)</p>	<p>E o boi magoou-o com os chifres.</p> <p>(...) lhe agradou.</p>
-----------------	---	---

Num estudo realizado, os autores ao compararem a frequência de utilização de pronomes e de substantivos no plural, os autores concluíram que produzir plurais é mais fácil para crianças do pré-escolar e do 1º ano, do que produzir pronomes possessivos (Kuo & Anderson, 2006).

Quanto à utilização das conjunções, estas estão diretamente relacionadas com a produção de orações coordenadas e subordinadas. Contudo neste trabalho não é feita uma análise pormenorizada da frase, no seu todo, uma vez que a dimensão de análise morfológica é extremamente morosa. De qualquer forma, são contabilizadas todas as conjunções – coordenativas e subordinativas – presentes nos discursos analisados.

Em termos de desenvolvimento linguístico, as primeiras conjunções a serem produzidas espontaneamente são as copulativas (ou aditivas, como são chamadas neste trabalho) “e” e a adversativa “mas”, ainda que pouco frequentes, sendo todas as outras de emergência tardia, não sendo garantida a sua aquisição no início da escolaridade.

O “e” vai surgindo com o intuito de coordenar grupos sintáticos não oracionais, quer orações, complexificando-se e diversificando os seus contextos de ocorrência, podendo ser utilizado com função de adição ou para relacionar orações temporalmente ou situações de causa/efeito (Jakubovicz, 2002; Gonçalves et al, 2011).

Ainda que seja de esperar que a aquisição de estruturas coordenativas, seja feita desde muito cedo (2-3 anos) no final da idade pré-escolar é ainda possível de verificar a existência de dificuldades na interpretação de enunciados em que há omissão do segundo verbo (ex: O João comeu o bolo e a Maria o pão) (Jakubovicz, 2002).



Por outro lado, as orações subordinadas são as frases onde se verificam maiores dificuldades, dada a necessidade de haver uma estrutura de encaixe, sendo constituinte, essencial ou acessório, que desempenha uma função sintática na frase em que se encontra (Gonçalves et al, 2011).

Esta estrutura apresenta uma maior complexidade, sendo por volta dos quatro/cinco anos que surgem combinações de frases com recurso a conetores temporais (quando) e causais (porque), manifestando ainda alguma dificuldade com as relações temporais e causais (Jakubovicz, 2002).

As frases relativas aparecem por volta dos três anos, tendo como padrão de encaixe da relativa à direita (ex: vamos beber o sumo que eu fiz), aparecendo posteriormente o padrão de encaixe da relativa ao centro (ex: O João que mora na vivenda é amigo do Paulo) (Vasconcelos, 1996).

Contudo segundo os estudos de Brown, a partir dos 2 anos e 6 meses até à idade escolar (6 anos), a criança já se encontra num estágio de frases completas, sendo que já possui um desenvolvimento avançado das questões gramaticais utilizando frases subordinativas (Brown, 1973).

## **O Plural**

Uma das questões amplamente estudada prende-se com a utilização do plural, sendo consciente que o plural corresponde a uma característica morfológica da nossa língua.

A flexão morfológica corresponde à marcação de função gramatical de uma palavra, como é exigido pela sintaxe, marcando o tempo e pessoa nas relações sintáticas e semânticas sem alterar o seu significado (Kuo & Anderson, 2006; Eliseu, 2008; Mateus, Brito, Duarte & Faria, 2003). Por outro lado, a derivação morfológica corresponde à adição de um morfema que mude o significado do morfema base (Kuo & Anderson, 2006; Mateus et al, 2003); por fim, a composição morfológica que se refere à formação de novas palavras combinando duas ou mais palavras ou as suas raízes (Kuo & Anderson, 2006; Mateus et al, 2003).

Segundo estudos realizados, a noção de flexão morfológica é adquirida antes da noção de derivação morfológica e da noção de composição morfológica. Segundo Berko

(1958), a aquisição da flexão morfológica ocorre a partir dos 4 anos até aos primeiros anos do primeiro ciclo (Kuo & Anderson, 2006).

Em verdadeira análise, a produção de plurais, não deixa de ser uma derivação morfológica, uma vez que se prende com a utilização de um afixo, neste caso de um sufixo. Contudo, trata-se de uma derivação, influenciada por competências morfológicas, mas também sintáticas, semânticas e fonológicas, sendo que a criança, durante o seu desenvolvimento linguístico, demonstra uma grande variabilidade de produção de morfemas gramaticais, tendo vindo a ser documentado como uma das primeiras competências aprendidas pelas crianças (Ettlínger & Zapf, 2011).

As primeiras produções do plural no discurso de uma criança aparecem aos 18 meses, altura em que estas começam a generalizar para todos os substantivos que produzem. No entanto, segundo um estudo de Berko (1958), os resultados demonstraram que as crianças ainda fazem erros significativos de produção do plural até sete anos de idade (Ettlínger & Zapf, 2011).

Contudo, há que considerar para explicar esses resultados que a frequência da palavra, para a construção do seu plural, é determinante para a sua correta construção, uma vez que afeta também o desempenho dos adultos na realização desta tarefa. Outra questão que explica a taxa de erros na construção do plural prende-se com propriedades fonológicas, que neste trabalho não serão explicadas, dado que os objetivos do mesmo não se prendem com tal. Porém, há que referir, que crianças com dois anos de idade estão mais propensas a utilizar o plural quando se tratam de plurais simples (Ettlínger & Zapf, 2011).

## **Concordância**

Do domínio sintático, são muitas as vertentes que poderiam ser abordadas. Contudo, neste trabalho, apenas se pretende ter uma visão global sobre as frases produzidas pelas crianças. Desta forma, será tida em conta a concordância das diferentes classes dentro da frase, de acordo com as suas possíveis vertentes.

Quando falamos de concordância nas frases, é comum procurar-se uma razão para que algo seja considerado certo ou errado. Contudo, não existe nenhuma teoria que nos leve a poder garantir a concordância de uma frase, sendo esta garantia expressada pelo bom-senso de quem a pronuncia. Não existem regras que o determinem, contudo existem

limitações de contexto que devem ser respeitados para que se possam concordar as palavras de forma a haver uma concordância na frase. Estas limitações prendem-se com questões, além de sintáticas, questões semânticas e pragmáticas que entram em sincronia em cada frase (Corbett, 2001).

Em Português Europeu é o sujeito quem determina a relação de concordância que se estabelece com o verbo, através das chamadas marcas flexionais (pessoa e número) sob a forma de afixos, que se associam aos verbos principais ou aos auxiliares (Gonçalves et al, 2011).

As marcas de concordância surgem nos primeiros estádios de desenvolvimento não significando que todas as suas especificidades morfológicas estejam consolidadas. Primeiramente é notória a predominância da 3ª pessoa do singular, seja nos contextos em que também ocorre no estádio final, seja a substituir outras formas, nomeadamente a 1ª pessoa do singular e a 3ª do plural, ou ainda em auto-referência (Veja-se Quadro 5). Assim, a 3ª pessoa do singular é adquirida por defeito, sendo quem faz a primeira relação de concordância verbal, sendo posteriormente e de forma gradual adquiridas todas as especificidades morfológicas associadas às outras pessoas gramaticais (Gonçalves et al, 2011).

**Quadro 4** – Pessoas gramaticais: escala de desenvolvimento (Fonte: Gonçalves *et al*, 2011, pp. 29)

<b>Pessoas gramaticais: Escala de desenvolvimento</b>
Estádio 1: Número singular: 3ª pessoa > 1ª pessoa > 2ª pessoa
Estádio 2: Número plural: 3ª pessoa > 1ª pessoa > 2ª pessoa

A 2ª pessoa está relacionada com as formas de tratamento diferentes que existem na nossa língua, que são variáveis de acordo com a sua formalidade, pelo que está diretamente relacionado com o conhecimento pragmático. Contudo, esta noção aparece relativamente tarde no desenvolvimento da criança uma vez que o tratamento informal tem vindo a ser utilizado cada vez em mais contextos, nomeadamente nos que as crianças mais frequentam (Gonçalves et al, 2011).

A questão da concordância não costuma ser muito problemática durante este processo, sendo que algum desvio ao padrão que seja verificado tende rapidamente a ser ultrapassado (Gonçalves et al, 2011).

**Quadro 5** – Exemplos de erros de concordância (Fonte: Gonçalves *et al*, 2011, pp. 29)

<b>O que ocorre</b>	<b>Exemplos</b>	<b>Ocorrência equivalente para os adultos</b>
3ª pessoa do singular em vez de 3ª pessoa do plural	As focas faz. (2;02) Foguetes é maus. (2;04)	As focas fazem. Os foguetes são maus.
3ª pessoa do singular em vez de 1ª pessoa do plural	Eu vai ler. (1;11)	Eu vou ler.
3ª pessoa do singular em auto-referência	O Peu não gosta (2;10) [Peu refere-se à criança que fala]	Eu não gosto.

### **Ordem das palavras na frase**

É sabido que o Português Europeu é uma língua SVO, ou seja, os constituintes em frases declarativas afirmativas, ordenam-se em Sujeito-Verbo-Objeto, sendo essa a ordem mais neutra: “A professora leu a história (aos meninos)”, sendo esta ordem desde cedo respeitada, havendo contudo algumas alterações em idades antecedentes aos 5 anos (Sim-Sim, 1998; Gonçalves et al, 2011).

Contudo outras organizações também são possíveis e aceites no Português Europeu, como por exemplo, VSO, VOS, OSV e OVS, denominadas ordens inversas, podendo estas ser mesmo obrigatórias em determinadas estruturas sintáticas (como algumas orações relativas e interrogativas ou com constituintes enfatizados), ou em contextos discursivos específicos (como as respostas a perguntas) (Gonçalves et al, 2011).

**Quadro 6** – Ordem das palavras na frase (Fonte: adaptado de Gonçalves *et al*, 2011, pp.31)

<b>Tipo de estrutura</b>	<b>Exemplos</b>	<b>Ordem de constituintes</b>
Declarativa com ordem básica	O outro não saiu. (2;00)	SV
Declarativa com ordem inversa	Está aqui <u>uma bicicleta</u> . (3;03)	VS
	Porque apareceu lá <u>a fada</u> . (4;00)	VS
	<u>O iogurte dá a mãe</u> . (3;06)	OVS
Oração relativa	O livro <u>que ela leu</u> era muito interessante.	OSV
Frase interrogativa	<u>O que é que ela leu?</u> / <u>Que leu ela?</u>	OSV / OVS
Frase com constituinte enfatizado	O João, (eu) não vi hoje, mas vi o Pedro.	OSV
Resposta a perguntas específicas	A: Alguém leu alguma coisa hoje?/Ninguém leu nada?  B: Leu <u>a professora a história</u> .	VSO
	A: Quem (é que) leu a história?  B: <u>Leu a história a professora</u> .	VOS

### **1.1. A influência da escolaridade dos pais no desenvolvimento morfossintático**

Quando falamos em desenvolvimento linguístico é comum referir-se que o contexto ambiental no qual a criança se encontra influencia em tudo as suas competências e as suas aquisições e aprendizagens (Sim-Sim,1998; Franco et al, 2003).

Assim, não é de estranhar que num estudo (Vasilyeva, M., Waterfall, H. & Huttenlocher, J., 2008), onde se tentou perceber a influência da escolaridade dos pais no desenvolvimento morfossintático das crianças, foi notório que as crianças cujos pais têm um nível de escolaridade mais elevada conseguem produzir maior quantidade de frases, contudo, em termos qualidade de discurso, as diferenças não são significativas, havendo um padrão similar de desenvolvimento.

Num outro estudo realizado com crianças francesas, verificou-se que a organização discursiva, bem como em termos de léxico e morfossintaxe, nas crianças cujos pais têm uma escolaridade mais elevada, apresentam uma melhor proficiência linguística, apresentando um desempenho melhor e mais precoce do que as crianças cujos pais têm um nível de educação inferior, determinando assim que o ambiente em que a criança se encontra é crucial para o seu nível linguístico (Normand, MT., Parisse, C. & Cohen, H., 2008).

### **1.2. Implicações clínicas**

O presente trabalho não pretende tornar-se uma ferramenta de avaliação, pois não foi construída nem testada para esse feito. Contudo poderá ser utilizado como ferramenta de triagem de sinais de alerta relativos à morfossintaxe, encaminhando os técnicos especializados para a realização de uma avaliação linguística mais específica, de acordo com as competências apresentadas pela criança.

## **2. Problemas em estudo**

Partindo da questão orientadora “Quais as características morfossintáticas em discurso espontâneo, de crianças com idades compreendidas entre os 4 anos e os 4 anos e 5 meses?”, estabeleceram-se os objetivos:

a) Caracterizar a morfossintaxe de crianças portuguesas na faixa etária dos 4 anos aos 4 anos e 5 meses, tendo em conta as questões de concordância nominal de género, número e grau, flexão verbal em número, pessoa, modo, tempo e voz e utilização de morfemas presos e livres;

b) Comparar as características morfossintáticas em função do género das crianças estudadas;

c) Identificar se há relação entre as características morfossintáticas e a escolaridade dos pais.

O presente trabalho é de tipo descritivo-comparativo, uma vez que pretende; a) descrever a situação atual do desenvolvimento das crianças relativamente às estruturas morfossintáticas e b) analisar os resultados obtidos, relativamente a género e escolaridade dos pais (Carmo & Ferreira, 1998). Como referido atrás, este estudo insere-se num de maior dimensão de carácter transversal, em que serão estudados em simultâneo dois grupos, de crianças com quatro anos: na faixa etária correspondente ao presente trabalho e na faixa etária seguinte (4;06-4;11), num estudo que decorre paralelamente.

### 3. Metodologia

#### Participantes

O presente estudo utilizará um corpus linguístico já existente<sup>1</sup>, recolhido junto de crianças de 4 anos de idade, tendo as seguintes características:

As 29 crianças que compõem o corpus linguístico frequentam jardins-de-infância da área da grande Lisboa (Amadora, Cascais, Lisboa e Loures) e foram selecionadas mediante os critérios de idade, em que deverá estar compreendida entre 4;00 e os 4;05; ser monolíngue do Português Europeu; apresentar ausência de perturbações motoras, mentais ou sensoriais que possam afetar o desenvolvimento da linguagem; não ter intervenção em Terapia da Fala; e ter um nível de desenvolvimento linguístico dentro dos padrões normais segundo as provas de compreensão e de expressão do Teste de Avaliação de Linguagem na Criança – TALC (Sua-Kay & Tavares, 2008).

Ainda que neste trabalho não tenha sido feito trabalho de “campo”, achou-se importante fazer uma sucinta caracterização da amostra que constituiu o corpus linguístico utilizado para este estudo. Assim, abaixo é apresentada uma distribuição da amostra por género e por faixa-etárias (Quadro 7), bem como uma distribuição da escolaridade dos pais (do pai ou da mãe, consoante for a mais elevada) (Quadro 8).

Quadro 7 – Distribuição de rapazes e raparigas por faixa-etária

Faixa-etária	Género Masculino	Género Feminino	Total por faixa etária
4;00 (48 meses)	1	1	2
4;01 (49 meses)	2	3	5
4;02 (50 meses)	2	3	5
4;03 (51 meses)	4	3	7
4;04 (52 meses)	2	3	5
4;05 (53 meses)	1	4	5
Total	12	17	29

<sup>1</sup> Estudo de investigação finalizado na Universidade Católica Portuguesa no âmbito do mestrado de Linguística Clínica – 1ª edição, pelas colegas Ana Sara Carvalho, Mariana Cacula e Sofia Lynce de Faria



Quadro 8 – Distribuição da escolaridade dos pais pelo género da amostra

Escolaridade dos pais	Género		Total
	Masculino	Feminino	
4 -9 anos	2	7	9
12 anos	4	4	8
Ensino superior	6	6	12
Total	12	17	29

## Recolha e análise dos dados

### a) Recolha do corpus linguístico

O discurso espontâneo de cada uma das crianças foi elicitado por meio da interação com a observadora através da utilização de material lúdico previamente determinado, tal como, animais da quinta e animais selvagens, alimentos, utensílios de cozinha e material de médico. O material lúdico utilizado na presente investigação foi semelhante ao do estudo realizado por Rice *et al.* (2010). A recolha do corpus linguístico foi efetuada por três observadoras (falantes nativas do Português Europeu), que interagiram com cada uma das crianças em contexto lúdico, evitando os efeitos de *priming* sintático. A conversação gravada em registo áudio (gravador *Olympus WS-750M*) teve uma duração média de 30 minutos de forma a se obter 100 enunciados (por criança). Os primeiros cinco minutos da conversação entre a criança e a observadora não foram gravados por se tratar de um período de adaptação da criança à condição envolvente. Assim foram contabilizados apenas, os primeiros 100 enunciados que se seguiram aos cinco minutos iniciais da conversação. As crianças que produziram menos de 100 enunciados neste período de tempo foram excluídas da amostra.

Seguidamente, todas as gravações foram transcritas pela autora do presente estudo e pela colega que desenvolveu o estudo paralelo para o programa ELAN (EUDICO Linguistics Annotator; [www.lat-mpi.eu/tools/elan](http://www.lat-mpi.eu/tools/elan)), de forma a haver uma uniformização de procedimentos, permitindo assim a sua utilização em diversas análises, com vista à investigação sobre o desenvolvimento da linguagem.

## **b) Análise morfossintática**

Para a realização da análise morfossintática proposta para esta investigação, foi construída para o efeito, uma grelha de análise morfossintática (Apêndice II e III). A grelha foi construída pela autora do presente trabalho e pela colega que está a realizar o trabalho paralelo, tendo sido validada em termos de conteúdo por um perito em linguagem (linguista). Esta grelha compreende os constituintes morfológicos e sintáticos que se pretende ter em consideração, para que se viabilize a caracterização do discurso das crianças. Assim, utilizando o corpus linguístico existente, foram analisados individualmente os discursos de cada criança, tendo como base a referida grelha.

### **Procedimento**

Como referido a análise incidiu sobre um corpus linguístico já recolhido, que foi transcrito para o programa ELAN. De forma a haver uma uniformidade na análise dos discursos, tendo em conta o trabalho paralelo a ser realizado com outra faixa-etária, foram estipuladas algumas regras de análise, bem como códigos de classificação de palavras.

Assim, foi acordado que não seriam contabilizadas repetições de palavras/frases, uma vez que as crianças nas faixas-etárias estudadas estão ainda numa fase de gaguez infantil, podendo de forma inconsciente repetir palavras/frases; não foram também contabilizadas utilização de prolongamento de vogais, que correspondem a “tempo para refazer discurso”, uma vez que não tem qualquer valor morfossintático; não foram contabilizadas palavras produzidas de forma ininteligível; por fim, não foram também contabilizadas reformulações de frase ou de ideia, uma vez que nos estamos a referir a discurso oral, sendo tal reformulação normal nesta modalidade.

Há a referir ainda, que não foram tidas em conta as questões de produção correta ou incorreta dos fonemas, aquando da produção de palavras, por já saírem do âmbito desta análise, a morfossintaxe.

### **Análise**

Cada código definido foi inserido manualmente pelo autor. Como referido, foram feitos dois tipos de análise: uma quantitativa e outra qualitativa.

Na análise quantitativa, foram contabilizadas as classes gramaticais (Apêndice IV) onde se pretende ver a frequência de utilização de cada classe gramatical; e na qualitativa,

foram analisados os erros de concordância entre as palavras, de forma a verificar-se quais são os erros mais frequentemente cometidos pelas crianças (Apêndice V).

Todas as componentes gramaticais contempladas, foram organizadas de acordo com a *Gramática da Língua Portuguesa* (Mateus, *et al*, 2003)

#### 4. Resultados

Em primeiro lugar são apresentados os resultados relativos à frequência de ocorrência das várias classes gramaticais e, posteriormente são apresentados os resultados relativos aos erros apresentados pelas crianças nos seus discursos.

Para comparar a quantidade de palavras produzidas por rapazes e raparigas, foi necessário fazer um teste de normalidade para se perceber se a distribuição de resultados era normal, dada a reduzida dimensão da amostra e determinar qual o tipo de teste seria adequado para a comparação entre géneros. Verificou-se que ambos os grupos apresentam uma distribuição normal ( $\text{sig} > 0,05$ ) na variável dependente (total de palavras), tendo sido por isso utilizado o teste paramétrico *t de student* para amostras independentes de forma a fazer-se a comparação dos valores de total de palavras obtidos por rapazes e raparigas (Quadro 9). Os resultados mostram que não existem diferenças significativas.

Quadro 9 – Resultados médios de total de palavras, comparando géneros

Média $\pm$ dp			
Género		t(df)	p
Total de palavras	1092,07 $\pm$ 277,77		
Masculino	1094,25 $\pm$ 306,96	0,035(27)	0,972
Feminino	1090,53 $\pm$ 265,03		

Uma vez que um dos objetivos principais do estudo é o de descrever o discurso espontâneo das crianças de 4;00 aos 4;05 anos, é apresentado abaixo quais as classes gramaticais utilizadas pelas crianças, distribuídas pelas suas percentagens de utilização, em média (Quadro 10) sendo a média total de palavras de 1092,07 $\pm$ 277,77.

Assim é possível verificar que são os verbos a classe gramatical mais utilizada, e que são as bengalas de discurso as menos utilizadas não se verificando uma diferença significativa entre as crianças do género masculino e feminino.

Quadro 10 - Frequência de ocorrência das classes gramaticais utilizadas

	Média±dp	Frequência de ocorrência (%)
<b>Verbos</b>	<b>282,76±87,21</b>	<b>25,89</b>
Substantivos	193,07±53,59	17,74
Advérbios	162,03±40,15	14,84
Pronomes	140,76±55,53	12,89
Determinantes	118,52±36,35	10,85
Preposições	88,59±26,50	8,11
Conjunções coordenadas	58,21±23,76	5,33
Adjetivos	28±12,69	2,56
Interjeições	26,10±21,30	2,39
Numerais	10,45±10,77	0,96
Conjunções subordinadas	7,07±11,74	0,65
<b>Bengalas de discurso</b>	<b>3,31±6,83</b>	<b>0,30</b>
Total de palavras	1092,07±277,77	100

Na figura 1, é apresentada a distribuição das classes gramaticais utilizadas de acordo com a escolaridade dos pais. Verifica-se que as crianças cujos pais pertencem ao grupo I apresentam uma maior quantidade de palavras utilizadas de cada classe gramatical (Figura 1).

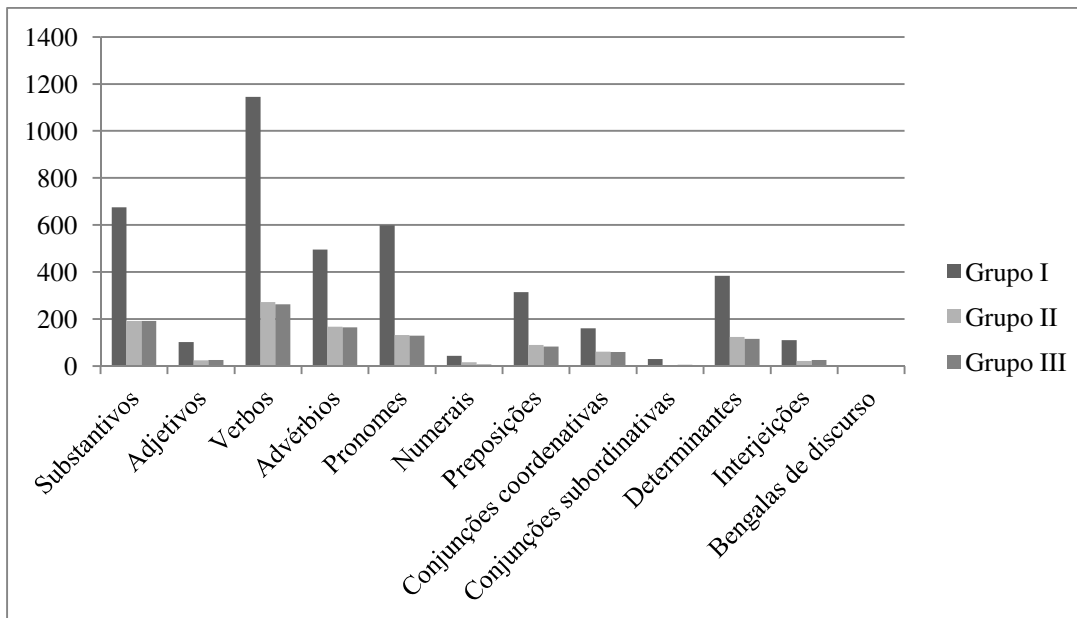


Figura 1 – Distribuição média por escolaridade dos pais das classes gramaticais utilizadas

De forma a compreender a utilização em média de cada classe gramatical, abaixo é apresentada, de forma mais discriminada, frequência de ocorrência de cada subtipo de cada classe gramatical.

Assim, no quadro abaixo (Quadro 11), é apresentada a frequência de ocorrência de substantivos, sendo que é possível verificar que do total de substantivos produzidos, são os substantivos comuns os mais utilizados pelas crianças, correspondendo a uma frequência de 94,89%.

Quadro 11 - Frequência de ocorrência de substantivos

	Média±dp	Frequência de ocorrência de substantivos (%)
<b>Comuns</b>	<b>183,21±52,32</b>	<b>94,89</b>
Próprios	9,76±10,52	5,06
Coletivos	0,10±0,56	0,05
Total de substantivos	193,07±53,59	100

Em relação aos adjetivos foram também contabilizados os adjetivos utilizados em grau, sendo que foi no grau comparativo de superioridade que foram produzidos em maior número, perfazendo 7,64% da média total de adjetivos produzidos (Quadro 12), tendo os outros graus uma pequeníssima representação, com exceção do superlativo absoluto que atinge 7,25%.

Quadro 12 – Frequência de ocorrência de adjetivos relativo ao grau

	Média±dp	Frequência de ocorrência de adjetivos em grau (%)
<b>COMPSUP</b>	<b>2,14±2,94</b>	<b>7,64</b>
<b>SUPABS</b>	<b>2,03±3,74</b>	<b>7,25</b>
COMPIG	0,17±0,60	0,61
COMPINF	0,03±0,19	0,11
SUPREL	0,45±0,99	1,61

Fazendo uma discriminação relativa aos verbos, no quadro abaixo (Quadro 13), é possível verificar que, quanto ao modo e tempo, é no modo indicativo e no tempo presente, que há uma maior frequência de ocorrência de verbos produzidos. Relativamente à pessoa (Quadro 14) é na 3ª pessoa do singular que há mais frequência de ocorrência e no que diz respeito à voz, a voz ativa (Quadro 15) apresenta maior frequência.

Quadro 13 - Frequência de ocorrência de verbos - modo e tempo

	Média±dp	Frequência de ocorrência de verbos em modo e tempo (%)
<b>IndPR</b>	<b>164,66±61,05</b>	<b>58,23</b>
IndPret.	51,45±58,08	18,20
IndImp	17,07±16,18	6,04
IndMaisQPerf	0	0
IndFut	0,07±0,26	0,02
ConjPR	0,38±0,86	0,13
ConjImp	0,41±0,73	0,14
ConjPret	0,14±0,44	0,45
ConjMaisQPerf	0	0
ConjFut	1,45±1,97	0,51
IMP	6,62±7,23	2,34
Cond	0,07±0,26	0,02
Partpass	1,69±1,49	0,60
Infinitivo	58,45±25,69	20,67
Total de Verbos	282,76±87,21	100

Quadro 14 - Frequência de ocorrência verbos - pessoa

	Média±dp	Frequência de ocorrência de verbos – pessoa (%)
1ºSING	58,97±25,88	20,86
1ºPL	11,55±11,62	4,08
2ºSING	15,10±13,23	5,34
2ºPL	0,24±1,12	0,08
<b>3ºSING</b>	<b>117,10±35,25</b>	<b>41,41</b>
3ºPL	15,97±11,50	5,65

Quadro 15 - Frequência de ocorrência verbos - voz

	Média±dp	Frequência de ocorrência de verbos quanto à pessoa (%)
<b>Ativa</b>	<b>209,41±61,24</b>	<b>74,06</b>
Passiva	0	0
Reflexiva	10,93±5,83	3,87

Passando a outra classe gramatical, os advérbios de tempo são os mais utilizados pelas crianças (Quadro 16).

Quadro 16 - Frequência de ocorrência de advérbios

	Média±dp	Frequência de ocorrência de advérbios (%)
Modo	18,72±13,35	11,55
Intensidade	11,45±8,28	7,07
<b>Tempo</b>	<b>40,24±19,35</b>	<b>24,83</b>
Lugar	19,45±12,49	12
Negação	38,34±13,57	23,66
Dúvida	0,45±1,02	0,28
Afirmação	27,52±16,42	16,98
Exclusão	0,41±1,70	0,25
Ordem	0	0
Interrogação	1,38±1,84	0,85
Inclusão	0,90±0,98	0,56
Total de advérbios	162,03±40,15	100

Quanto aos pronomes, verifica-se uma maior frequência de ocorrência nos pronomes pessoais retos (PR) (Quadro 17).

Quadro 17 - Frequência de ocorrência de pronomes

	Média±dp	Frequência de ocorrência de pronomes (%)
OA	7,34±6,29	5,22
OT	2,24±3,33	1,59
<b>PR</b>	<b>37,38±15,06</b>	<b>26,56</b>
RF	4,24±3,33	3,01
P	1,90±2,72	1,35
I	19,72±9,82	14,01
D	34,07±21,41	24,20
R	27,10±14,88	19,25
INT	6,76±7,49	4,80
Total de pronomes	140,76±55,54	100

Relativamente aos numerais, são os numerais cardinais (NC) os mais utilizados (Quadro 18).

Quadro 18 – Frequência de ocorrência de numerais

	Média±dp	Frequência de ocorrência de numerais (%)
<b>NC</b>	<b>9,38±9,67</b>	<b>86,12</b>
NO	1,07±2,02	10,24
Total de numerais	10,45±10,77	100



Quanto à frequência de ocorrência de preposições, é nas preposições simples (PPS), que ocorre uma maior frequência de ocorrência (Quadro 19).

Quadro 19 - Frequência de ocorrência de preposições

	Média±dp	Frequência de ocorrência de preposições (%)
<b>PPS</b>	<b>54,24±20,56</b>	<b>61,23</b>
PPLP	2,55±3,46	2,88
PPCP	31,79±13,09	35,88
Total de preposições	88,59±26,50	100

Relativamente às conjunções utilizadas pelas crianças é possível verificar (Quadro 20) que as crianças utilizam maioritariamente conjunções coordenativas.

Quadro 20 - Frequência de ocorrência de conjunções coordenativas e subordinativas

	Média±dp	Frequência de ocorrência de conjunções (%)
<b>Conjunções coordenativas</b>	<b>58,21±23,28</b>	<b>89,17</b>
Conjunções Subordinativas	7,07±11,74	10,83
Total Conjunções	65,28±27,52	100

Analisando discriminadamente as conjunções coordenativas e subordinativas utilizadas pelas crianças, verifica-se, quanto às coordenativas (Quadro 21) que as crianças utilizam mais as conjunções coordenativas aditivas (CONJCA) relativo ao total de conjunções coordenativas; no que se refere às conjunções subordinativas, são as conjunções subordinativas temporais (CONJST), as mais produzidas pelas crianças (Quadro 22).

Quadro 21 – Frequência de ocorrência de conjunções coordenativas

	Média±dp	Frequência de ocorrência de conjunções coordenativas (%)
<b>CONJCA</b>	<b>42,28±19,82</b>	<b>72,63</b>
CONJCAD	7,76±5,59	13,33
CONJCAL	1,93±2,42	3,32
CONJCEX	6,03±3,67	10,36
CONCCL	0,21±0,94	0,36
Total de conjunções coordenativas	58,21±23,28	100

Quadro 22 – Frequência de ocorrência de conjunções subordinativas

	Média±dp	Frequência de ocorrência de conjunções subordinativas (%)
CONJSIT	0,45±1,21	6,36
CONJSC	0,21±0,56	2,97
CONJSCP	0,34±0,67	4,81
CONJSCC	0,07±0,26	0,99
CONJSCD	0,90±1,54	12,73
CONJSCT	0	0
CONJSF	0	0
<b>CONJST</b>	<b>2,90±2,92</b>	<b>41,02</b>
Total de conjunções subordinativas	7,07±11,74	100

Relativamente aos determinantes, é possível verificar que as crianças produziram na sua maioria determinantes artigos definidos (DAGD), em relação ao total de determinantes produzidos (Quadro 23).

Quadro 23 - Frequência de ocorrência de determinantes

	Média±dp	Frequência de ocorrência de determinantes (%)
<b>DAGD</b>	<b>74,10±27,79</b>	<b>62,52</b>
DAGI	33,97±12,81	28,66
DD	3,00±3,64	2,53
DP	7,79±7,11	6,57
Total de determinantes	118,52±36,35	100

Quando tentamos compreender a utilização de plurais feita pelas crianças, é possível verificar-se que relativamente ao total de plurais de substantivos produzidos, 89,02% correspondem a plurais regulares, enquanto 10,98% correspondem a plurais irregulares. Quanto ao total de plurais dos adjetivos, 96,13% correspondem a plurais regulares e 3,87% a plurais irregulares (Quadro 24).

Quadro 24 - Plurais regulares e irregulares em substantivos e adjetivos

	Média±dp	Frequência de ocorrência de plurais (%)
SPLR	33,00±15,41	89,02
SPLIR	4,07±2,72	10,98
Total de plurais de substantivos	37,07±16,75	100
APLR	3,48±3,30	96,13
APLIR	0,14±0,44	3,87
Total de plurais de adjetivos	3,62±3,28	100

Na figura abaixo verifica-se que são os erros de concordância verbal os mais frequentes (Figura 2), sendo em “pessoa” que se verificam mais erros (Quadro 25).

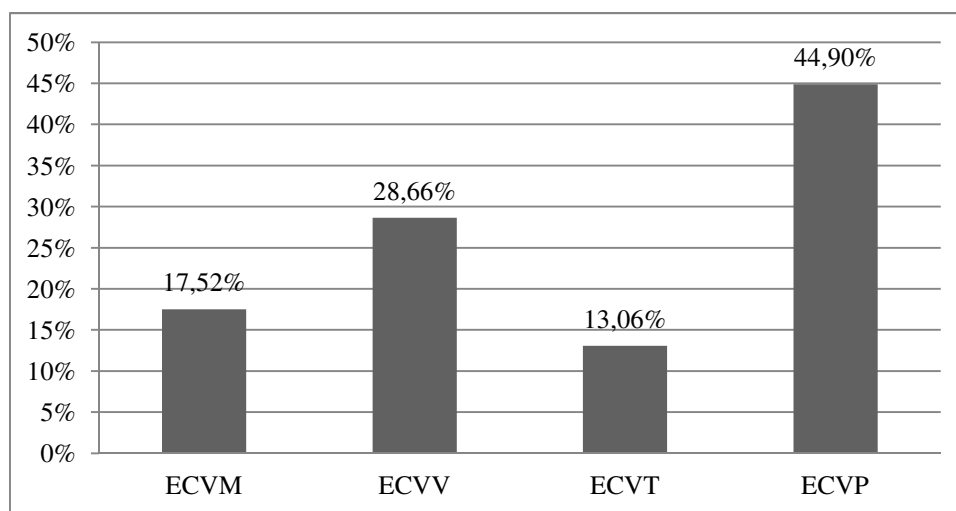


Figura 2 – Distribuição dos erros de concordância nominal, verbal, adjetival e pronominal

Quadro 25 – Erros de concordância verbal

	Média±dp	Frequência de ocorrência (%)
<b>Pessoa</b>	<b>1,41±1,62</b>	<b>44,90</b>
Voz	0,90±1,20	28,66
Modo	0,55±0,74	17,52
Tempo	0,41±0,98	13,06

Em síntese são apresentados os elementos que caracterizam a morfossintaxe das crianças da faixa-etária estudada (Quadro 27).

Quadro 26 – Quadro síntese de caracterização morfossintática

		Média±dp	Frequência de ocorrência (%)
Classes gramaticais	<b>Verbos</b>	<b>282,76±87,21</b>	<b>25,89</b>
	Substantivos	193,07±53,59	17,74
	Advérbios	162,03±40,15	14,84
		Média±dp	Frequência de ocorrência (%)
Erros de concordância	<b>Verbal</b>	<b>3,14±2,66</b>	<b>52,95</b>
	Pronominal	1,34±17	22,60
	Nominal	0,90±1,15	15,18
		Média±dp	Frequência de ocorrência (%)
Erros de concordância verbal	<b>Pessoa</b>	<b>1,41±1,62</b>	<b>44,90</b>
	Voz	0,90±1,20	28,66
	Modo	0,55±0,74	17,52

## 5. Discussão

Tendo em consideração o objetivo central da presente investigação, analisar morfossintaticamente o discurso espontâneo de crianças de 4;00 aos 4;05 anos serão discutidos os resultados relativos à frequência de ocorrência de cada classe gramatical no discurso das crianças que constituem a amostra estudada e, posteriormente, uma análise relativa aos erros efetuados pelas mesmas crianças.

Relativamente ao total de palavras produzidas, foi possível verificar que não há uma diferença significativa entre as crianças do género feminino e o género masculino. As crianças, na sua maioria produziram nos seus discursos, mais verbos, seguido de substantivos e depois de advérbios. As crianças, já produzem nos seus discursos todas as classes gramaticais estudadas, tendo assim um desenvolvimento morfossintático nesta faixa-etária já de sua forma complexo (Gonçalves et al, 2011).

Quanto à influência da escolaridade dos pais na utilização de classes gramaticais, verifica-se que, ao contrário do que seria de esperar, as crianças cujos pais têm menos anos de escolaridade, produzem mais palavras (análise feita por cada classe gramatical), quando comparadas com as outras crianças cujos pais têm mais anos de escolaridade. Tal facto poderá ser explicado, pela necessidade das crianças cujos pais têm menor escolaridade, utilizarem mais palavras para se explicarem melhor, uma vez que não conseguem encontrar apenas uma forma de referirem aquilo que querem, fazendo mais circunlóquio. Desta forma, ainda que utilizem mais palavras, o seu discurso é mais pobre em termos de conteúdo, uma vez que a partir do momento em que as frases se tornam mais complexas os seus enunciados se tornam mais curtos (Vasilyeva, Waterfall & Huttenlocher, 2008).

Em relação aos adjetivos verificou-se que o grau mais utilizado pelas crianças é o comparativo de superioridade, sendo o menos utilizado o comparativo de inferioridade, indo ao encontro da ideia defendida por Gonçalves et al (2011) que a conjugação em grau mais tardia seria o superlativo absoluto sintético.

Quanto aos verbos, no que diz respeito à sua frequência de ocorrência no modo e tempo, é possível verificar que é no presente do indicativo que há a maior frequência de ocorrência, sendo as menores referentes ao tempo “mais-que-perfeito” para ambos os modos, o conjuntivo em todos os tempos possíveis e o condicional, resultados estes que

confirmam que o conjuntivo é dos modos que mais tardiamente surge, juntamente com o modo condicional e os tempos mais-que-perfeito (Gonçalves et al, 2011). Quanto ao infinitivo este já é bastante utilizado pelas crianças desta faixa-etária, o que também confirma que será das formas nominais a surgir precocemente (Kuo & Anderson, 2006; Gonçalves et al, 2011).

Ao nos referirmos à pessoa usada maioritariamente pelas crianças, no que se refere à concordância de pessoa nos verbos, é notória a predominância da terceira pessoa do singular, algo expectável de acordo com estudos realizados (Gonçalves et al, 2011). Contudo, é possível verificar-se que, embora utilizem maioritariamente a terceira pessoa do singular, utilizam também já outras formas na concordância verbal em pessoa, nomeadamente a primeira pessoa do singular, o que nos permite afirmar que as crianças nesta faixa-etária, já conseguem fazer uma distinção das diferentes formas verbais, não utilizando apenas a terceira pessoa como é normal que façam em termos de desenvolvimento linguístico (Gonçalves et al, 2011).

Sobre a conjugação verbal, no que se refere à voz, é possível verificar que a voz ativa é a preferencial em termos de utilização pelas crianças e que a voz passiva é a menos utilizada pelas mesmas. Segundo vários autores, tais resultados seriam expectáveis, uma vez que a voz passiva é pouco utilizada pelos adultos em discurso, não sendo, assim, um modelo para as crianças (Tomasello, 2000; Tomasello et al, 2003; Gonçalves et al, 2011). Contudo não é possível dizer-se que as crianças ainda não adquiriram esta competência linguística, podendo-se apenas afirmar, que nesta situação de discurso espontâneo, as crianças não o produziram, não se garantindo que, as crianças desta faixa-etária, noutros contextos, não o produzam, caso, em termos de discurso seja “exigido” que o façam (Demuth, 1989,1990; Hupp & Jungers, 2009).

Quanto aos advérbios, foi possível verificar que o de tempo foi o mais utilizado, mas que houve uma utilização considerável de advérbios, sugerindo que a linguagem das crianças nesta idade já está relativamente complexa, uma vez que os advérbios correspondem a uma estrutura de emergência adjacente (Gonçalves et al, 2011).

No que se refere aos pronomes, foi notória a preferência pelos pronomes pessoais retos (eu, tu, ele/a, nós, vós eles/as). No que se refere aos pronomes átonos e tónicos, houve uma preferência pelos pronomes átonos em relação aos tónicos o que não seria expectável, de acordo com Gonçalves et al (2011). Contudo, tal facto poderá dever-se ao tipo de tarefas que estiveram na base da eliciação do discurso.

Relativamente às conjunções, as crianças produzem maioritariamente conjunções coordenativas quando comparadas com as subordinativas, como seria expectável uma vez que é esperado que estas sejam adquiridas entre os dois e três anos (Jakubovicz, 2002).

Dentro das coordenativas, foram as aditivas as mais utilizadas, como também seria de esperar, uma vez que estas correspondem às primeiras conjunções as serem produzidas espontaneamente pelas crianças (Jakubovicz, 2002; Gonçalves et al, 2011).

Quanto às subordinativas o mesmo panorama já não se verifica, não havendo uma grande frequência de ocorrência, dada a sua complexidade (Jakubovicz, 2002). Contudo, de entre as poucas utilizadas, são as temporais as mais utilizadas, o que de acordo com Jakubovicz (2002), é por volta dos quatro anos que tal emergência ocorre.

Fazendo uma análise à produção de plurais, é possível verificar-se que as crianças utilizam plurais regulares e irregulares, tanto no que se refere a substantivos como a adjetivos, tendo sido os regulares os mais produzidos, como seria expectável, uma vez que são os mais simples de produzir e compreender a generalização que está a ser feita (Ettlinger & Zapf, 2011).

Em termos de erros de produção do plural, as taxas de erros de concordância nominal e adjetival não foram muito significativas, não se verificando erros significativos na produção do plural, como é defendido por Ettlinger & Zapf (2011), tendo sido em termos de concordância verbal que houve mais erros.

## 6. Conclusões

Tendo em conta os resultados obtidos neste estudo, de forma a responder aos objetivos propostos, concluiu-se que:

1. Apresentam um discurso rico na utilização de classes gramaticais, sendo os verbos, a classe mais utilizada pelas crianças o que indica uma noção de “ação” por parte das crianças desta faixa-etária;
2. A voz ativa é a preferencial das crianças, sendo já utilizada a voz reflexiva, mas com pouca frequência;
3. Há uma clara preferência pelos pronomes pessoais retos;
4. São as conjunções coordenativas, as mais utilizadas, sendo por isso possível referir que as estruturas subordinadas são de estabilização tardia;
5. Há uma preferência pela utilização de plurais regulares, ainda que já produzam corretamente plurais irregulares;
6. O discurso das crianças já não apresenta muitos erros de concordância, contudo os que apresenta são na concordância verbal e em pessoa;
7. Não há erros na estrutura frásica;
8. Não são apresentadas diferenças significativas entre rapazes e raparigas;
9. Quanto menor a escolaridade dos pais, mais palavras as crianças utilizam.

No decorrer deste trabalho foram encontradas algumas limitações. Uma das limitações prende-se com a utilização de dados de produção espontânea devido ao facto de numa produção espontânea nem sempre aparecerem construções gramaticais particulares. Desta forma, a utilização de discurso espontâneo, apresenta dados significativos relativamente às competências morfossintáticas e não só, das crianças, contudo são ineficazes na determinação da ausência de uma particular construção gramatical (Demuth, 1996).

Poderá também ser considerada uma limitação, a questão do controlo do discurso do avaliador, devido às questões de *priming sintático*, uma vez que foi notório aquando da transcrição dos enunciados, que muitas vezes as crianças iniciavam um enunciado com a frase ou com as palavras ditas pelo avaliador. Tendo isto em conta, poderá ser interessante ter-se em conta numa futura investigação, a influência do *priming sintático* no discurso das crianças.



De forma a fazer-se uma análise mais vasta da morfossintaxe das crianças, poderá ser também interessante estudar-se a complexidade semântica na produção de verbos, bem como estudar os tipos de frase produzidos pelas crianças.

## Referências bibliográficas

- Arunachalam, S. & Waxman, S. (2010). Meaning from syntax: Evidence from 2-year-olds. *Cognition*, 114(3), 442–446
- Atanassova, M. (2001). On the Acquisition of Temporal Conjunctions in Finnish. *Journal of Psycholinguistic Research*, 30 (2), 115-134
- Bajaj, A. (2007). Analysis of oral narratives of children who stutter and their fluent peers: Kindergarten through second grade. *Clinical Linguistics & Phonetics*, 21(3), 227–245
- Borer, H. (2001). *Morphology and Syntax* The Handbook of Morphology. Spencer, Andrew and Arnold M. Zwicky, Blackwell Reference Online. 28 December 2007
- Brown, R. (1973). *A first language: the early stages*. Cambridge, MA: Harvard University Press. (accedido: <http://www.asu.edu/clas/shs/ingramd/shs465/stages.pdf> 16 set 2013).
- Carmo, H. & Ferreira, M. (1998). *Metodologia da investigação*. Lisboa: Universidade Aberta
- Corbett, G. (2001). *Morphology and Agreement* The Handbook of Morphology. Spencer, Andrew and Arnold M. Zwicky, Blackwell Publishing, 2001. Blackwell Reference Online. 28 December 2007
- Demuth, K. 1996. *Collecting spontaneous production data*. in McDaniel, D., McKee, C. e Cairns H.,(1998). *Methods for Assessing Children’s Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press. pp. 3-22.
- Eisenberg, S., Guo, L. e Germezla, M. (2012). How grammatical are 3-year-olds? *Language, speech and hearing services in schools* 43:36-52
- Eliseu, A. (2008). *Sintaxe do Português*. Lisboa: Caminho
- Ettlinger, M. & Zapf, J. (2011). The role of phonology in children's acquisition of the plural. *Lang Acquis.* 18(4), 294–313
- Franco, M., Reis, M. & Gil, T. (2003). *Comunicação, linguagem e fala – Perturbações específicas de linguagem em contexto escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

- Freitas, M.J. (1997). *Aquisição da estrutura silábica do Português Europeu*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Lisboa
- Freitas, M.J., Miguel, M., Hub Faria, I. (2001). *Interaction between prosody and morphosyntax: Plurals within codas in the acquisition of European Portuguese* In Weissenborn, J., Höhle, B. (eds). *Approaches to bootstrapping: phonological lexical, syntactic and neurophysiological aspects of early language acquisition*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co pp. 45-58
- Gândara, J. & Befi-Lopes, D. (2010). Tendências da aquisição lexical em crianças em desenvolvimento normal e crianças com alterações específicas no desenvolvimento da linguagem. *Rev Soc Bras Fonoaudiol.*, 15 (2), 297-304
- Gonçalves, F., Guerreiro, P. & Freitas, M. (2011). *O conhecimento da língua: percursos de desenvolvimento*. Lisboa: Ministério da educação
- Guasti, T. (2002), *Language Acquisition – The Growth of Grammar*. Cambridge: The MIT Press
- Hupp, J. & Jungers, M. (2009). Speech priming: An examination of rate and syntactic persistence in preschoolers. *British Journal of Developmental Psychology* (2009), 27, 495-504
- Huttenlocher, J., Waterfall, H., Vasilyeva, M., Vevea, J. & Hedges, L.(2010). Sources of variability in children’s language growth. *Cogn Psychol.* 61(4), 343–365
- Jakubovicz, R. (2002) *Atraso de Linguagem: Diagnóstico pela média dos valores de Frase (MVF)*. Rio de Janeiro: Revinter
- Kuo, L. & Anderson, R., (2006). Morphological awareness and learning to read: A cross-language perspective. *Educational psychologist*, 41 (3), 161–180
- Lum, C. (2002). *Scientific thinking in speech and language therapy*. New Jersey: Lawrence Earlbaum Associates
- Mateus, M., Brito, A., Duarte, I. & Faria, I. (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. (6ªed.). Lisboa: Caminho

- McCutchen, D., Green, L. & Abbott, R. (2008). Children's morphological knowledge: Links to literacy. *Reading psychology*, 29 (4), 289- 314
- Normand, M.T., Parisse, C. & Cohen, H., (2008). Lexical diversity and productivity in French preschoolers developmental and biosocial aspects by developmental, gender and sociocultural factors, *Clinical Linguistics & Phonetics*, 22(1), 47–58
- Rakhlin, N., Kornilov, S., Reich J., Babyonyshev, M., Kuposov, R. & Grigorenko, E. (2011). The relationship between syntactic development and theory of mind: Evidence from a small-population study of a developmental language disorder. *J Neurolinguistics*, 24(4),476–496
- Rice, M. L., Smolik, F., Perpich, D., Thompson, T., Rytting, N. & Blossom, M. (2010). Mean Length of Utterance levels in 6-month intervals for children 3 to 9 years with and without language impairments. *Journal of Speech, Language, and Hearing Research*, 53 (2), 333-349.
- Roberts, J.E. & Jackson, S.C. (2001). Complex syntax production of African American preschoolers. *Journal of speech, language and hearing research*, 44: 1083- 1096.
- Sim-Sim, I. (1998). *Desenvolvimento da linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Stromswold, K. 1996. Analyzing children's spontaneous. in McDaniel, D., McKee, C. e Cairns H.,(1998). *Methods for Assessing Children's Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press. pp. 23-54.
- Tomasello (2000). Do young children have adult syntactic competence? *Cognition*, 74:209-253
- Tomasello, M. Theakston, A., Lieven, E. & Matthews, D. (2005). The role of frequency in the acquisition of English word order. *Cognitive development*: 20: 121-136
- Tomasello, M., Theakston, A. Lieven, E. & Savage, C. (2003). Testing the abstractness of children's linguistic representations: lexical and structural priming of syntactic constructions in young children. *Development Science*, 6:557-567
- Vasconcelos, M. (1996). *Compreensão e produção de frases relativas em português europeu*. In I. H. Faria e tal., *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa* (pp.323- 330). Lisboa: Caminho.

Vasilyeva, M., Waterfall, H. & Huttenlocher, J. (2008). Emergence of syntax: commonalities and differences across children, *Developmental Science*, 11:1, 84–97

## Apêndices

## Apêndice I

### Revisão teórica das classes gramaticais

Fazendo uma breve revisão sobre cada classe gramatical, segundo Mateus, Brito, Duarte & Faria (2003):

- Os **substantivos** podem dividir-se em comuns, próprios e coletivos. Os comuns, referem-se a uma totalidade de algo, sendo que os próprios evidenciam uma entidade e os coletivos se referem a um conjunto de seres ou coisas da mesma espécie. Os substantivos podem ainda dividir-se em concretos e abstratos, sendo que os concretos se referem a seres e os abstratos a ações, noções, estados e qualidade. Os substantivos são flexionáveis quanto ao género, número e grau;
- Os **adjetivos** partilham com os substantivos as suas capacidades de flexão, distinguindo-se destes pelo facto de todos os adjetivos ocorrerem em posição atributiva (embora não possam sempre estar em posição predicativa) e serem graduáveis, ou seja, muitos adjetivos podem ser acompanhados de expressões de grau;
- O **verbo** corresponde a uma ação realizada podendo-se distinguir em três subclasses – verbos principais, copulativos e auxiliares. Os verbos principais correspondem ao núcleo semântico de uma oração e, por sua vez, os verbos auxiliares apenas aparecem em orações onde também haja um outro verbo (auxiliado), apresentando essa oração uma sequência verbal.
- Os **advérbios** são classes de palavras bastante heterogêneas e invariáveis, sem marcas de concordância, que modificam vários tipos de constituintes e que podem ocupar distintas posições. Alguns advérbios derivam de adjetivos com um sufixo *-mente*. A tradição gramatical organiza os advérbios segundo critérios nocionais surgindo as seguintes classes: de lugar, de tempo, de modo, de intensidade, de afirmação, de negação e de dúvida.
- Os **pronomes** correspondem a elementos apenas com valor demonstrativo sendo que os pronomes pessoais, ao contrário dos restantes (possessivos, indefinidos, demonstrativos, interrogativos e relativos), não necessitam de uma expressão linguística que denote a mesma entidade;
- Os **determinantes** são elementos que dão valores referenciais dos substantivos a que se referem, dividindo-se em artigos (definidos ou indefinidos), demonstrativos e possessivos. Os artigos definidos (o, a, os, as) não surgem de forma isolada, ao contrário dos indefinidos (um, uma, uns, umas); os determinantes demonstrativos (este, esse, aquele) assumem uma posição pré-



nominal não podendo co-ocorrer com os artigos definidos; e os determinantes possessivos (meu, teu, seu, nosso, vosso, seus) exprimem valores temáticos;

- Os **numerais** incluem-se na classe dos quantificadores e exprimem a cardinalidade ou a ordem, podendo co-ocorrer quer com artigos, quer com demonstrativos;
- As **preposições** correspondem a palavras gramaticais, cuja função essencial é a de estabelecer conexões interlinguísticas. Estas selecionam complementos e estão-lhes associados valores semânticos. Algumas preposições podem ocorrer de forma isolada desde que seja presumível que os seus argumentos sejam nulos; caso contrário, serão seguidas de um sintagma ou de uma frase;
- As **conjunções**, tal como as preposições são também palavras gramaticais, que estabelecem conexões interlinguísticas, correspondem a vocábulos gramaticais, articulando as frases entre si. Por um lado poderão estabelecer relação entre duas orações, sendo designadas conexões subordinativas ou conexões de coordenação, das quais resultam períodos compostos. As conjunções subordinativas podem-se classificar em causais, concessivas, condicionais, finais, temporais, comparativas e consecutivas, que iniciam orações adverbiais, e em, subordinativas integrantes, que iniciam orações substantivas. Por outro lado, as conjunções coordenativas dividem-se em aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.

## Apêndice II

Grelha de análise quantitativa de classes gramaticais

Classe de palavras				Total de produzidos	
Substantivos	Comuns SC				
	Próprios SP				
	Coletivos SCL				
	<b>Total:</b>				
	Plural	Regulares SPLR			
		Irregulares SPLIR			
	<b>Total:</b>				
Grau	Diminutivo SDIM				
	Aumentativo SAUM				
<b>Total:</b>					
Adjetivos	Adjetivos A				
	Plural	Regulares APLR			
		Irregulares APLIR			
	<b>Total:</b>				
	Grau	Comparativo	De superioridade COMPSUP		
			De igualdade COMPIG		
			De inferioridade COMPINF		
		Superlativo	Relativo SUPREL		
			Absoluto - SUPABS		
			<b>Total:</b>		
Classificação do verbo quanto à função	Principal - VPP				
	Auxiliar -VAUX				
Modo	Indicativo	Presente VIPR			
		Pretérito	Perfeito VIP		
			Imperfeito VII		
			Mais-que-perfeito VIMQP		
		Futuro VF			
		Conjuntivo	Presente VCJPR		
	Passado		Imperfeito VCJI		
			Perfeito VCJP		
			Mais-que-perfeito VCJMQP		
	Futuro VCJF				

		Imperativo VIMP			
		Condicional VC			
		Particípio Passado VPART			
		Infinitivo - VINF			
	Pessoa	1ºSING/PL			
		2ºSING/PL			
		3ºSING/PL			
	Voz	Ativa VA			
		Passiva VP			
		Reflexiva VR			
<b>Total:</b>					
<b>Advérbios</b>	De modo ADVM				
	De intensidade ADVI				
	De tempo ADVT				
	De lugar ADVL				
	De Negação ADVN				
	De dúvida ADVD				
	De afirmação ADVA				
	De exclusão ADVE				
	De ordem ADVO				
	De interrogação ADVINT				
	De inclusão ADVINC				
<b>Total:</b>					
<b>Pronomes</b>	Pessoais	Oblíquos	Átonos PNPOA		
			Tônicos PNROT		
		Retos PNPR			
		Reflexivos PNPRF			
	Possessivos PNP				
	Indefinidos PNI				
	Demonstrativos PND				
	Relativos PNR				
Interrogativos PNINT					
<b>Total:</b>					
<b>Numerais</b>	Cardinais NC				
	Ordinais NO				
<b>Total:</b>					
<b>Preposições</b>	Simples PPS				
	Locuções prepositivas PPLP				
	Contração de preposição PPCP				

			<b>Total:</b>		
<b>Conjunções</b>	<b>Coordenativas</b>	Aditivas CONJCA			
		Adversativas CONJCAD			
		Alternativas CONJCAL			
		Explicativas CONJCEX			
		Conclusivas CONJCCL			
				<b>Total:</b>	
	<b>Subordinativas</b>	Integrantes CONJSIT			
		Causal CONJSC			
		Comparativas CONJSCP			
		Concessivas CONJSCC			
		Condicionais CONJSCD			
Consecutivas CONJSCT					
Finais CONJSF					
Temporais CONJST					
			<b>Total:</b>		
			<b>Total:</b>		
<b>Determinantes</b>	Artigos	Definidos DAGD			
		Indefinidos DAGI			
	Demonstrativo DD				
	Possessivos DP				
			<b>Total:</b>		
<b>Interjeições INT</b>				<b>Total:</b>	
<b>Bengalas de Discurso BD</b>				<b>Total:</b>	

## Apêndice III

Grelha de análise de erros

Enunciado	Erros de Concordância														
	Nominal ECN				Adjetival ECA				Verbal ECV				Pronominal ECP		
	N° ECNN°		Gênero ECGN	Grau ECGR	N° ECAN		Gênero ECAGN	Grau ECAGR	Modo ECVM	Voz ECVV	Tempo ECVT	Pessoa ECVP	N° ECPN°	Pessoa ECPP	Posição ECPPOS
	Regular ECNN°R	Irregular ECNN°I			Regular ECAN°R	Irregular ECAN°I									
(...)															
Total															

Enunciado	Erros de Ordem das palavras na frase EOPF
(...)	
Total	

## Apêndice IV

Classes gramaticais contabilizadas quantitativamente



Classe gramatical	Código
Substantivo comum	SC
Substantivo próprio	SP
Substantivo coletivo	SCL
Substantivo – plural – regular	SPLR
Substantivo – plural - irregular	SPLIR
Substantivo – grau - diminutivo	SDIM
Substantivo – grau - aumentativo	SAUM
Adjetivos	A
Adjetivos – plural – regular	APLR
Adjetivos – plural - irregular	APLIR
Adjetivos – grau – comparativo de superioridade	COMPSUP
Adjetivos – grau – comparativo de igualdade	COMPIG
Adjetivos – grau – comparativo de inferioridade	COMPINF
Adjetivos – grau – superlativo relativo	SUPREL
Adjetivos – grau – superlativo absoluto	SUPABS
Verbo principal	VPP
Verbo auxiliar	VAUX
Verbo – Indicativo - Presente	VIPR
Verbo – Indicativo – Pretérito Perfeito	VIP
Verbo – Indicativo – Pretérito Imperfeito	VII
Verbo – Indicativo – Pretérito mais-que-perfeito	VIMQP
Verbo – Indicativo - Futuro	VF
Verbo – Conjuntivo - Presente	VCJPR
Verbo – Conjuntivo – Passado imperfeito	VCJI
Verbo – Conjuntivo – Passado perfeito	VCJP
Verbo – Conjuntivo – Passado mais-que-perfeito	VCJMQP
Verbo – Conjuntivo - Futuro	VCJF
Verbo – Imperativo	VIMP
Verbo – Condicional	VC
Verbo – Particípio Passado	VPART
Verbo – Infinitivo	VINF
Verbo – 1º pessoa singular/plural	1ºSING/PL
Verbo – 2º pessoa singular/plural	2ºSING/PL
Verbo – 3º pessoa singular/plural	3ºSING/PL

---

Verbo – Voz activa	VA
Verbo – Voz passiva	VP
Verbo – Voz reflexiva	VR
Advérbio de modo	ADVM
Advérbio de intensidade	ADVI
Advérbio de tempo	ADVT
Advérbio de lugar	ADVL
Advérbio de negação	ADVN
Advérbio de dúvida	ADVD
Advérbio de afirmação	ADVA
Advérbio de exclusão	ADVE
Advérbio de ordem	ADVO
Advérbio de interrogação	ADVINT
Advérbio de inclusão	ADVINC
Pronomes – Pessoais – Oblíquos - Átonos	PNPOA
Pronomes – Pessoais – Oblíquos - Tónicos	PNPOT
Pronomes – Pessoais – Retos	PNPR
Pronomes – Pessoais - Reflexivos	PNPRF
Pronomes – Possessivos	PNP
Pronomes – Indefinidos	PNI
Pronomes – Demonstrativos	PND
Pronomes – Relativos	PNR
Pronomes – Interrogativos	PNINT
Numerais – Cardinais	NC
Numerais – Ordinais	NO
Preposições – Simples	PPS
Preposições – Locuções prepositivas	PPLP
Preposições – Contração da preposição	PPCP
Conjunções – Coordenativas - Aditivas	CONJCA
Conjunções – Coordenativas - Adversativas	CONJCAD
Conjunções – Coordenativas - Alternativas	CONJCAL
Conjunções – Coordenativas – Explicativas	CONJCEX
Conjunções – Coordenativas – Conclusivas	CONJCCL
Conjunções – Subordinativas – Integrantes	CONJSIT

---

---

Conjunções – Subordinativas – Causal	CONJSC
Conjunções – Subordinativas – Comparativas	CONJSCP
Conjunções – Subordinativas – Concessivas	CONJSCC
Conjunções – Subordinativas – Condicionais	CONJSCD
Conjunções – Subordinativas – Consecutivas	CONJSCT
Conjunções – Subordinativas – Finais	CONJSF
Conjunções – Subordinativas – Temporais	CONJST
Determinantes – Artigos – Definidos	DAGD
Determinantes – Artigos – Indefinidos	DAGI
Determinantes – Demonstrativo	DD
Determinantes – Possessivo	DP
Interjeições	INT
Bengalas de discurso	BD

---

## Apêndice V

Análise qualitativa – erros de concordância

<b>Erros de concordância</b>	<b>Códigos</b>
Nominal – Número – Regular	ECNNºR
Nominal – Número – Irregular	ECNNºI
Nominal – Género	ECGN
Nominal – Grau	ECGR
Adjetival – Número – Regular	ECANºR
Adjetival – Número – Irregular	ECANºI
Adjetival – Género	ECAGN
Adjetival – Grau	ECAGR
Verbal – Modo	ECVM
Verbal – Voz	ECVV
Verbal – Tempo	ECVT
Verbal - Pessoa	ECVP
Pronominal – Número	ECPNº
Pronominal – Pessoa	ECPP
Pronominal - Posição	ECPPOS